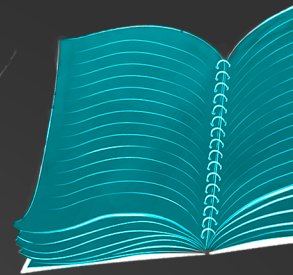


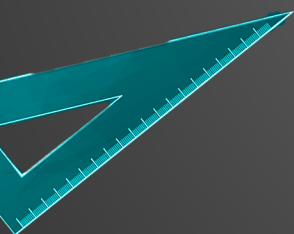
Atena
Editora
Ano 2020

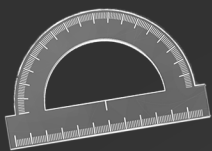


AS FACES DA EDUCAÇÃO: DIÁLOGOS NA DIVERSIDADE ESCOLAR



OTAINAN DA SILVA MATOS
CLEIA SILVA PINTO COSTA
ANDRÉIA VAZ CUNHA DE SOUSA
JOSÉ ANTONIO MORAES COSTA
ROSYENE CONCEIÇÃO SOARES CUTRIM
(ORGANIZADORES)





Atena
Editora

Ano 2020

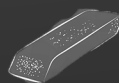
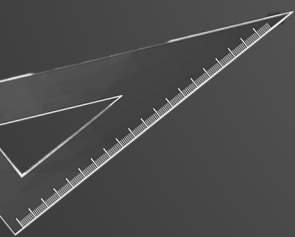


AS FACES DA EDUCAÇÃO:

DIALOGOS NA DIVERSIDADE ESCOLAR



OTAINAN DA SILVA MATOS
CLEIA SILVA PINTO COSTA
ANDRÉIA VAZ CUNHA DE SOUSA
JOSÉ ANTONIO MORAES COSTA
ROSYENE CONCEIÇÃO SOARES CUTRIM
(ORGANIZADORES)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof^a Dr^a Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Prof^a Dr^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof^a Dr^a Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^a Dr^a Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Prof^a Dr^a Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^a Dr^a Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Prof^a Dr^a Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Prof^a Dr^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof^a Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^a Dr^a Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

As faces da educação: diálogos na diversidade escolar

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Otainan da Silva Matos... [et al.].

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

F138 As faces da educação [recurso eletrônico] : diálogos na diversidade escolar / Organizadores Otainan da Silva Matos... [et al.]. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.
205 p.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-346-0 (PDF)

ISBN 978-65-5706-345-3 (Brochura)

DOI 10.22533/at.ed.460200209

1. Educação. 2. Diversidade escolar. 3. Prática de ensino.
I. Matos, Otainan da Silva. II. Costa, José Antonio Moraes. III. Costa, Cleia Silva Pinto. IV. Souza, Andréia Vaz Cunha de. V. Cutrim, Rosylene Conceição Soares.

CDD 370.71

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br


Ano 2020

PREFÁCIO

Tecendo a Manhã

Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos. De um que apanhe esse grito que ele e o lance a outro; de um outro galo que apanhe o grito que um galo antes e o lance a outro; e de outros galos que com muitos outros galos se cruzem os fios de sol de seus gritos de galo, para que a manhã, desde uma teia tênue, se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos, se erguendo tenda, onde entrem todos, se entretendendo para todos, no toldo (a manhã) que plana livre de armação. A manhã, toldo de um tecido tão aéreo que, tecido, se eleva por si: luz balão.

João Cabral de Melo Neto

Sinto-me lisonjeado em poder registrar breves impressões sobre este livro. Ele foi concebido, a partir dos esforços dos mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB), pertencente ao Centro de Ciências Sociais- (CCSo) da Universidade Federal do Maranhão – (UFMA), esforços esses semelhantes ao poema de Tecendo a Manhã. Idealizou-se esta obra com a tessitura de várias manhãs, dias, noites e madrugadas de muito estudos, aulas, leituras escritos e reescritos, para que se pudesse chegar ao título proposto pelos autores e coautores do mesmo “***As faces da Educação: diálogos na diversidade escolar***”. Tendo como organizadores Otainan da Silva Matos, Celia Silva Pinto Costa, Andréa Vaz Cunha de Sousa, José Antonio Moraes Costa e Rosyene Conceição Soares Cutrim.

Trata-se de uma obra que reúne, em um conjunto de dezesseis capítulos, cuidadosamente, trabalhos elaborados pelos pós-graduandos sob o olhar dos seus respectivos orientadores do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica da Universidade Federal do Maranhão. Eles foram produzidos a partir das pesquisas oriundas de suas inquietações, que se transformaram em suas obras primas: a dissertação. Desvelam-se em seus escritos, as tendências atuais dos debates e das pesquisas acadêmicas no âmbito do mestrado profissional, desenvolvidas pelo PPGEEB¹, no campo da educação e as suas diversas faces: “*Filosofia para Crianças, Construção da identidade profissional e docente, relações étnico-raciais, tecnologias, Gênero, Formação inicial e continuada, Educação Inclusiva e Prática Pedagógica.*” Diante disso, se faz mister avultar que essas diversas faces dos escritos educacionais, composto neste livro em tela, nos levam para outros campos/aspectos da educação: a infância, a educação infantil, a

¹ Criado em 2015, o Mestrado Profissional em Gestão de Ensino da Educação Básica é o segundo da UFMA e é o primeiro da área da educação no Maranhão. O Programa está composto atualmente por vinte e três docentes de diferentes áreas curriculares que compõem a Educação Básica. O Objetivo do Curso é formar profissionais para desenvolverem saberes, competências e habilidades específicas nas áreas do ensino da Educação Básica, levando em conta a incorporação e atualização permanentes dos avanços da ciência e das tecnologias educacionais. O profissional formado deverá ter como foco a gestão de ensino, a pesquisa, visando a proposição de inovações e aperfeiçoamentos dos conhecimentos e tecnologias educacionais para a solução de problemas do ensino na Educação Básica. Fonte: https://sigaa.ufma.br/sigaa/public/programa/apresentacao_stricto.jsf?lc=pt_BR&idPrograma=1381 acesso em Maio de (2020).

leitura, a alfabetização, o ensino de línguas portuguesa e inglesa, a educação física, as deficiências visual e intelectual, a identidade de gênero e, por fim, a pesquisa nas suas diversas facetas, desenvolvidas pelos seus escritores.

Nesse contexto, importa destacar que os textos desta obra, instigam os leitores à reflexão, dispendo à sua leitura crítica, algumas possibilidades interpretativas sobre importantes questões pertinentes à educação básica.

Parabéns pela iniciativa em tornar públicos os estudos do PPGEEB com a produção deste livro!

Sucesso!

São Luís- MA, maio de 2020

José Carlos de Melo

REFERENCIA

MELO NETO, João Cabral de. Obra completa: volume único. Org. Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. (Biblioteca luso-brasileira. Série brasileira).

APRESENTAÇÃO

“Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde... Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática”.

Paulo Freire

A construção de diversas análises sobre a educação é o que conduz o desenrolar dessa apresentação. Esse assunto que tanto permeia à sociedade, emerge da necessidade de mudanças significativas em nosso país. Diante desse cenário, a presente obra, “**As faces da Educação: diálogos na diversidade escolar**”, corrobora estritamente para as mais diversas áreas da educação escolar como, Filosofia, Pedagogia, Geografia, Tecnologia, Educação Física, Artes, Identidade de Gênero, Biologia, Português, Inglês, Sociologia, todas essas, em seus sentidos mais simbólicos e integrantes.

Esta obra origina-se da colaboração de estudantes de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão do Ensino da Educação Básica (PPGEEB), que tem como propósito, estudar as condutas dos formadores de opiniões, investigar os espaços escolares e suas mais variadas formas de ensinar e aprender, entre aluno e professor, coordenador e gestor e todas as relações que ajudam na construção da educação. Nesse sentido, os mestrandos e seus respectivos orientadores concordam com a elaboração deste trabalho, visto que ele servirá de arcabouço teórico para estudantes, docentes, gestores, coordenadores e para aqueles que se interessam por leituras e estudos vinculados às diversas faces da educação.

Com isso, a construção dos capítulos se deram da seguinte forma:

- **Filosofia para Crianças:** a concepção de infância e o sentido do adulto em miniatura – Ms. Otainan da Silva Matos; Ms. Kátia Regina dos Santos Castro e Dr. José Carlos de Melo.

- **A Constituição da Identidade Profissional de Alfabetizadores:** narrativas de docentes integrantes do grupo de estudo e pesquisa “O ensino de língua portuguesa nos anos iniciais do ensino fundamental” – Ms. Cleia Silva Pinto Costa; Ms. Rosiara Costa Soares e Dr^a. Vanja Maria Dominices Coutinho Fernandes.

- **A Identidade Profissional Docente e o Ensino de Língua Portuguesa e de Língua Inglesa** – Ms. Cláudia Cristina Cólins Pereira; Rakell Ainy Freitas Luz e Dr^a Marize Barros Rocha Aranha.

- **Relações Étnico-Raciais e Infância:** valorização das diferenças e prevenção de preconceitos na educação infantil – Ms. Lucileide Martins Borges Ferreira; Luanda Martins Campos e Dr. Antonio de Assis Cruz Nunes.

- **A Formação da Identidade Docente na Perspectiva da Interculturalidade** – Ms. Luanda Martins Campos; Ms. Mírian Ferreira da Silva Borgea e Dr^a Viviane Moura da

Rocha.

- **Práticas Pedagógicas Interculturais:** relato de experiência na disciplina de Educação Física – Ms. Ludmilla Silva Gonçalves e Dr. Raimundo Nonato Assunção Viana.

- **O Ser e o estar Formador/a na Escola:** um dilema para o/a Coordenador/a Pedagógico/a – Ms. Alexandrina Colins Martins e Dr^a Vanja Maria Dominices Coutinho Fernandes.

- **A Formação de leitores nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental:** um relato de experiência na turma do 2º ano de uma escola da rede pública municipal de Paço do Lumiar- Maranhão - Ms. Andréia Vaz Cunha de Sousa; Ms. Érica Patrícia Marques de Araújo e Dr. Samuel Luis Velázquez Castellanos.

- **Ideologias das Brincadeiras x Brinquedos de Meninos x Meninas** – Ms. Rachel Bonfim da Silva e Dr^a Sirlene Mota Pinheiro.

- **Construção de Saberes no Mestrado Profissional e Formação Docente em Gêneros e Sexualidades** – Ms. Rosyene Conceição Soares Cutrim e Dr^a Sirlene Mota Pinheiro.

- **A Gangue como Sintoma de Falência do Modelo Capitalista** – Ms. Daulinda Santos Muniz e Dr^a Elisa Maria dos Anjos.

- **Do Sul ao Norte:** um diálogo sobre a formação inicial de professores de Geografia – Ms. Yuri Barros Lobo da Silva; Ms. Jucileide Melonio Pereira e Dr^a Maria José Albuquerque Santos.

- **A Educação Inclusiva e a Deficiência Intelectual:** desafios curriculares para a prática pedagógica – Ms. Gínia Kênia Machado Maia; Ms. Cleomar Lima Pereira e Dr^a Livia da Conceição Costa Zaqueu.

- **Os Corpos e a Escola:** a dança como lente – Ms. Érica Silva Pinto e Dr. Raimundo Nonato Assunção Viana.

- **Estado da Arte:** tecnologia móvel para auxiliar crianças com Transtorno do Espectro Autista – Ms. Máira Carla Moreira Aragão e Dr. João Batista Bottentuit Junior.

- **Tecnologia Assistiva para Estudantes com Deficiência Visual:** uma análise a respeito da produção científica – Ms. Aline Aparecida Nascimento Frazão e Dr^a Livia da Conceição Costa Zaqueu.

Quando me deparo com a literatura educacional, especificamente do Brasil, vejo um amplo desafio, no que concerne às formações e práticas dentro ambiente escolar. Vejo uma política que rejeita as escolas e finge que a educação está acontecendo. Vejo crianças sedentas por conhecimento, que fará a diferença na caminhada da vida e que muitas vezes, não adquire. Vejo docentes fingindo ensinar e alunos fingindo aprender. Vejo docentes superestimando o ensino tradicional porque lutam contra a inovação e as novas formas de aprender. É certo que isso existe. Contudo, também vejo políticas públicas positivas na luta pelo rendimento escolar. Vejo professores ofertando o melhor de si, para educar os seus alunos. Vejo o suor de docentes nas quadras de esporte.

Vejo os educadores de salas de recursos multifuncionais integrando os que precisam. Vejo laboratórios de informática atendendo a demanda escolar para informatizar os alunos. Vejo os gestores buscando formação continuada, a fim de aperfeiçoar as práticas educativas. Vejo docentes ofertando recursos financeiros, para que não falte material educacional. Vejo o esforço dos gestores para efetuar uma matrícula. São com esses por menores, que vejo a luta dos profissionais em prol de uma educação para o mundo.

Diante desse contexto, é importante salientar que a prática educativa percorre diversas formas, métodos e caminhos distintos. Assim sendo, ela somente acontece de forma eficiente, se percebermos que ela é plural e interdisciplinar. Portanto, prezado (a) leitor (a), você encontrará nesta obra, uma diversidade de contextos voltados para o ato de educar. Esta coletânea almeja apresentar as múltiplas faces da educação. Além disso, busca-se esclarecer as aproximações e distanciamentos de conceitos entre o ensino e a aprendizagem.

Nos capítulos que regem este livro, encontrarás abordagens que estimulam e ampliam seus conhecimentos acerca de filosofia para crianças, formação de professores, o corpo e seus movimentos, identidade de gênero, artes, ensino de geografia, tecnologia na educação, educação especial, alfabetização, identidade profissional, relação étnico-racial, práticas educacionais, sociologia e suas diversas configurações na instância escolar.

Boa leitura!

Otainan da Silva Matos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
FILOSOFIA PARA CRIANÇAS: A CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA E O SENTIDO DO ADULTO EM MINIATURA	
Otainan da Silva Matos Kátia Regina Santos Casto José Carlos de Melo	
DOI 10.22533/at.ed.4602002091	
CAPÍTULO 2	12
A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DE ALFABETIZADORES: NARRATIVAS DE DOCENTES INTEGRANTES DO GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA “O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL”	
Cleia Silva Pinto Costa Rosiara Costa Soares Vanja Maria Dominices Coutinho Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.4602002092	
CAPÍTULO 3	25
A IDENTIDADE PROFISSIONAL DOCENTE E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E DE LÍNGUA INGLESA	
Cláudia Cristina Cólins Pereira Rakell Ainy Freitas Luz Marize Barros Rocha Aranha	
DOI 10.22533/at.ed.4602002093	
CAPÍTULO 4	40
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E A INFÂNCIA: VALORIZAÇÃO DAS DIFERENÇAS E PREVENÇÃO DE PRECONCEITOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Lucileide Martins Borges Ferreira Luanda Martins Campos Antonio de Assis Cruz Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.4602002094	
CAPÍTULO 5	51
A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE NA PERSPECTIVA DA INTERCULTURALIDADE	
Luanda Martins Campos Mirian Ferreira da Silva Boguea Viviane Moura da Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.4602002095	
CAPÍTULO 6	63
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERCULTURAIS: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
Ludmilla Silva Gonçalves Raimundo Nonato Assunção Viana	
DOI 10.22533/at.ed.4602002096	
CAPÍTULO 7	73
O SER E O ESTAR FORMADOR/A NA ESCOLA: UM DILEMA PARA O/A COORDENADOR/A PEDAGÓGICO/A	
Alexandrina Colins Martins Vanja Maria Dominices Coutinho Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.4602002097	

CAPÍTULO 8 85

A FORMAÇÃO DE LEITORES NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA TURMA DO 2º ANO DE UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE PAÇO DO LUMIAR- MARANHÃO

Andréia Vaz Cunha de Sousa
Érica Patrícia Marques de Araújo
Samuel Luis Velázquez Castellanos

DOI 10.22533/at.ed.4602002098

CAPÍTULO 9 97

IDEOLOGIAS DAS BRINCADEIRAS X BRINQUEDOS DE MENINOS X MENINAS

Rachel Bonfim da Silva
Sirlene Mota Pinheiro

DOI 10.22533/at.ed.4602002099

CAPÍTULO 10 107

CONSTRUÇÃO DE SABERES NO MESTRADO PROFISSIONAL E FORMAÇÃO DOCENTE EM GÊNEROS E SEXUALIDADES

Rosylene Conceição Soares Cutrim
Sirlene Mota Pinheiro da Silva

DOI 10.22533/at.ed.46020020910

CAPÍTULO 11 122

A GANGUE COMO SINTOMA DE FALÊNCIA DO MODELO CAPITALISTA

Daulinda Santos Muniz
Elisa Maria dos Anjos

DOI 10.22533/at.ed.46020020911

CAPÍTULO 12 130

DO SUL AO NORTE: UM DIÁLOGO SOBRE A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA

Yuri Barros Lobo da Silva
Jucileide Melonio Pereira
Maria José Albuquerque Santos

DOI 10.22533/at.ed.46020020912

CAPÍTULO 13 144

A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E A DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: DESAFIOS CURRICULARES PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Ginia Kênia Machado Maia
Cleomar Lima Pereira
Lívia da Conceição Costa Zaqueu

DOI 10.22533/at.ed.46020020913

CAPÍTULO 14 155

OS CORPOS E A ESCOLA: A DANÇA COMO LENTE

Raimundo Nonato Assunção Viana
Érica da Silva Pinto

DOI 10.22533/at.ed.46020020914

CAPÍTULO 15 163

ESTADO DA ARTE: TECNOLOGIA MÓVEL PARA AUXILIAR CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Maíra Carla Moreira Aragão

João Batista Bottentuit Junior

DOI 10.22533/at.ed.46020020915

CAPÍTULO 16 169

TECNOLOGIA ASSISTIVA PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL: UMA ANÁLISE A RESPEITO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Aline Aparecida Nascimento Frazão

Livia da Conceição Costa Zaquero

DOI 10.22533/at.ed.46020020916

SOBRE OS ORGANIZADORES..... 190

CONSTRUÇÃO DE SABERES NO MESTRADO PROFISSIONAL E FORMAÇÃO DOCENTE EM GÊNEROS E SEXUALIDADES

Data de aceite: 05/07/2020

Rosyene Conceição Soares Cutrim

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB/UFMA). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Sexualidade nas Práticas Educativas (GESEPE/UFMA), rosyene.cutrim@gmail.com

Sirlene Mota Pinheiro da Silva

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo – USP. Professora do Departamento de Educação I da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Gênero e Sexualidade nas Práticas Educativas (GESEPE), sirlene.ufma@gmail.com

RESUMO: Este artigo visa discutir sobre os processos de construção dos saberes e da formação docente em gêneros e sexualidades de discentes da 3ª turma do Mestrado Profissional em Gestão de Ensino da Educação Básica da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica, pautando-se nos teóricos/os e autoras/es como Tardif (2014) Gauthier (2013), Imbernón (2011), Foucault (2005), Louro (1997), Scott

1 A pluralidade dos termos, se dá pelo fato de discorreremos nossa escrita, conforme as teorias pós críticas que defendem a diversidade dos seres humanos, em suas marcas sociais de diferenças e identidades.

(1995) e Butler (2003), seguido de aplicação de questionários com cerca de 30% da turma e posterior análise dos dados coletados. Dentre os resultados, foi possível perceber que as/os discentes possuem certos saberes em gêneros e sexualidades, no entanto, não são suficientes para subsidiar ou contribuir na incorporação e construção da igualdade de gênero e o respeito à diversidade sexual na e ao mesmo tempo, concordam e acreditam no impacto efetivo e positivo quanto ao desenvolvimento dessas temáticas na formação docente e nas práticas pedagógicas nas escolas. -

PALAVRAS-CHAVE: Saberes, Formação Docente, Gêneros, Sexualidades, Educação.

INTRODUÇÃO

A construção dos saberes e da formação docente em gêneros e sexualidades¹ são temáticas que, atualmente estão sendo questionadas, principalmente por grupos conservadores que tentam desqualificar estudos e pesquisas nas áreas, muitas delas oriundas das lutas e reivindicações dos movimentos de mulheres, feministas, LBGTIQ's e dos direitos humanos, desconsiderando-se

todo arcabouço teórico, documentos e tratados internacionais que versam sobre educação para a igualdade de direitos e que considere a diversidade humana. Conseqüentemente, tais tentativas vêm influenciando de forma negativa a organização de uma proposta educacional que discuta e garanta os debates críticos sobre gênero e diversidade sexual nos ambientes escolares.

Com este entendimento e como forma de compreender tais questões, este artigo tem como objetivo discutir a construção dos saberes e formação docente no Mestrado Profissional em Gestão de Ensino da Educação Básica/UFMA, sobre às temáticas de gêneros e sexualidades. Tais temáticas tema nos interessa, pelo fato de ser o cerne do trabalho acadêmico que desenvolvemos no referido Mestrado Profissional. O texto se estrutura, tomando como base pressupostos de teorias pós-críticas, fundamentando-se em aspectos do pós-estruturalismo e inseridas no contexto da pós-modernidade, objetivando dar visibilidade às pessoas excluídas cujas vidas são impostas, em uma sociedade padronizada e excludente, tentando assim superar com as ditas “verdades absolutas”.

As teorias pós-críticas surgem a partir da segunda metade do século XX, colocando em pauta os debates e questões em torno de termos como identidade, alteridade, diferença, subjetividade, discurso, diversidade, cultura, gênero, sexualidade, dentre outros. Estabelecem, assim novos olhares, desafios, discussões, estudos, pesquisas e práticas pedagógicas que possam nortear intervenções sociais sobre tais questões. Neste estudo, apresentamos, primeiramente, o caminho percorrido para alcançarmos nosso objetivo, e as/os discentes que colaboraram no estudo. Posteriormente, apresentamos breves conceituações sobre a construção dos saberes e formação de professoras/es, gêneros e sexualidades. Por fim, analisamos os dados e informações obtidas por meio dos questionários aplicados, buscando-se como se deu a construção dos saberes na formação docente, destacando-se aspectos voltados aos gêneros e às sexualidades com discentes da terceira turma do Mestrado Profissional em Gestão de Ensino da Educação Básica/UFMA.

O CAMINHO PERCORRIDO

Esta investigação partiu da revisão bibliográfica pois, segundo Gressler (2003), para que uma pesquisa seja bem-sucedida, é necessário que o/a pesquisador/a tenha um conhecimento prévio do assunto abordado na mesma. Ela seria a atualização e integração desse conhecimento. Ao conhecermos as teorias do assunto de interesse, o/a investigador/a pode definir o campo de investigação, possibilitando melhor postura diante da interpretação dos resultados obtidos.

A pesquisa bibliográfica estrutura uma base teórica, trazendo conhecimento geral sobre a temática a ser pesquisada e subsidiando a definir a área investigada. Portanto,

foram utilizados teóricos/as e autores/as como, Tardif (2014) Gauthier (2013), Imbernón (2011), Ramalho, Nunez e Gauthier (2004), Foucault (2005), Silva (2017), Louro (1997) Scott (1995) e Butler (2003), Martins (2017), Silva (2015), que nos permitiram avançar na teoria sobre a construção dos saberes e formação docente em gêneros e sexualidades. A leitura e estudos de relatórios, artigos, livros, dissertações e teses sobre os referidos assuntos nos permitiram a construção de nosso texto.

Posteriormente, utilizamos como instrumento de coleta de dados, a aplicação de um questionário, que também Gressler (2003, p. 153), define como “uma série de perguntas, elaboradas com o objetivo de se levantar dados para uma pesquisa, cujas respostas são formuladas por escrito, pelo informante, sem o auxílio do investigador.” Nesse caso, esse instrumento foi aplicado com perguntas fechadas e abertas, para os/as discentes da terceira turma do Mestrado Profissional em Gestão de Ensino da Educação Básica, da Universidade Federal do Maranhão-UFMA, iniciada no ano de 2018.

O questionário foi elaborado com duas partes: na primeira investigamos o perfil de cada um/a, e na segunda fizemos questões relativas ao tema proposto da investigação sobre os saberes e formação docente, em gêneros e sexualidades. A partir dos dados obtidos, realizamos análises quantitativa e qualitativa, com tabulação, análise crítica e teórica, finalizando com a interpretação do que obtivemos. Os colaboradores/as do estudo se constituiu de 30% das/os discentes da terceira-turma do PPGEEB/UFMA, sendo esta composta por 28 alunas/os, todos profissionais da educação, entre pedagogas/os e professoras/es licenciadas/os que atuam em diversas áreas de conhecimentos. Dentre este total, 23 (vinte e três) discentes são do gênero feminino e 5 (cinco) do gênero masculino. Na porcentagem da pesquisa foram alvo dos questionamentos 7 (sete) mulheres e 2 (dois) homens, cujo perfil social são descritos no quadro abaixo:

Discentes ⁵	Idade	Estado Civil	Cor/raça	Gênero	Orientação Sexual	Religião
Discente A	62	Casada	Parda	Feminino	Feminino	Católica
Discente B	48	Divorciada	Branca	Mulher	Heterossexual	Espírita
Discente C	47	Solteira	Negra	Feminino	Não respondeu	Messiânica
Discente D	33	Não respondeu	Negra	Feminino	Heterossexual	Católica
Discente E	47	Solteira	Negra	Feminino	Heterossexual	Católica
Discente F	37	União estável	Preta	Feminino	Heterossexual	Umbanda
Discente G	31	Solteiro	Branco	Masculino	Homossexual	Não respondeu
Discente H	26	Solteiro	Branco	Masculino	Homossexual	Católico
Discente I	29	Solteira	Preta	Feminino	Heterossexual	Cristã

Quadro 01: Perfil social dos sujeitos envolvidos na pesquisa

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

A discente **A**, se coloca com orientação sexual “feminino”, podendo ser observado certo equívoco visto que Identidade sexual ou orientação sexual, refere-se ao gênero que constitui o objeto de desejo afetivo ou sexual de uma pessoa, podendo ser heterossexual, homossexual, bissexual ou mesmo assexual. Ela é funcionária pública, pedagoga com conclusão de formação em 1998, especialista em educação e atua como supervisora escolar.

A discente **B**, formada em letras, tendo concluído em 1994 é professora de língua inglesa, em um Instituto Federal do Maranhão. Ao responder que seu gênero é ‘mulher’, ela se equivoca, pois este termo equivale ao conceito de sexo que determina o indivíduo conforme suas características biológicas: mulher ou homem, já o conceito de gênero equivale, segundo Lins, Machado e Escoura (2016), como sendo um dispositivo cultural constituído historicamente, que classifica e posiciona o mundo a partir da relação entre o que se entende como feminino e masculino.

A discente **C**, é também docente em curso superior e leciona as disciplinas Sociologia e Filosofia.–Ela não respondeu qual a sua orientação sexual, o que nos instiga a deduzir que não tenha conhecimento do significado do termo ou porque não se sinta à vontade para tratar do assunto. Já a discente **D** formada em Educação física, tendo concluído o curso em 2011, é professora de uma faculdade particular de São Luís. Nossa discente **E** é formada em Filosofia (conclusão 2005), funcionária pública, professora das séries iniciais. A discente **F** é formada em pedagogia, concluída em 2005. É professora das séries iniciais, da rede municipal de ensino.

Nosso colaborador **G** tem 31 anos, solteiro, branco, do gênero masculino, homossexual e não respondeu sobre sua religião. Formado em filosofia com conclusão em 2013. O discente **H** possui 26 anos, solteiro, branco, masculino, homossexual, funcionário público, formado em geografia (2015), professor da educação básica de geografia. Já a discente **I** tem 29 anos, mulher preta, solteira, feminina, heterossexual e cristã. Formada em biologia (2015), professora do ensino médio, de escola privada, na disciplina de biologia.

Depois de conhecidos/as os/as discentes pesquisados/as, observamos a diversidade dos marcadores sociais de diferença², constituindo assim, a contextualização das relações entre gênero, sexualidade, classe, raça/cor, entre outras categorias, a partir de lugares de fala diversos e gerações diferenciadas, articulados/as a contextos sócio-históricos, culturais, políticos e econômicos distintos. Temos um breve panorama sobre o mosaico de pessoas que, provavelmente, tiveram construções de vida pessoal e profissional diferenciadas e que, portanto, também venham a contribuir distintivamente seus saberes

2 Segundo Lins, Machado e Escoura (2016), marcadores sociais da diferença são marcas sociais que nos diferenciam uns dos outros e produzem desigualdades entre nós. Como por exemplo, os marcadores de gênero (como homem, mulher, transsexual), de cor/raça (negro, branco, pardo, amarelo, indígena), de geração (criança, adolescente, jovem, adulto e terceira idade),..., de orientação sexual (assexual, heterossexual, bissexual e homossexual) e de classe social (pobre, classe média e rico). Uma pessoa pode se identificar, ao mesmo tempo, como mulher, negra, jovem, periférica e lésbica, enquanto que outra pessoa se identifica como sendo homem, branco, cisgênero, heterossexual, classe média e de terceira idade. Essas características marcam como cada um irá experimentar o mundo.

e formações. É bom salientar que a maioria dos/as discentes colaboradores/as do estudo são mulheres, gênero feminino e heterossexuais, enquanto temos apenas dois homens do gênero masculino e que se denominam homossexuais. A seguir, revisitamos conceitos básicos sobre saberes, formação docente, gêneros e sexualidades, que estruturam o presente artigo.

Saberes, Formação Docente, Gêneros e Sexualidades: revisitando os conceitos

São inúmeras as teorias e estudos científicos sobre os saberes e à formação docente. Assim, não podemos deixar de pontuar a variedade de reflexões críticas sobre tais dimensões, que se inserem de diferentes formas no processo social, histórico, político e econômico do país. As construções dos saberes e a formações docentes são frutos de interesses individuais de sua classe social, raça, gênero, orientação sexual, geração, grupo profissional e dos diversos marcadores sociais da diferença que condicionam, ideologicamente e politicamente cada ser humano. Vejamos a seguir algumas considerações construídas por teóricos e estudiosos/as da área.

Saberes e Formação docente

Segundo Tardif (2014), nas sociedades contemporâneas, o sistema de formação em educação está intrinsecamente relacionado à pesquisa científica e erudita, enquanto sistema socialmente organizado de produção de conhecimentos. Tal interrelação se apresenta por meio da existência de instituições, como as universidades, que assumem tradicionalmente e de maneira conjunta as missões de pesquisa, ensino, de produção de conhecimentos e de formação com base nesses conhecimentos. Tardif (2014, p. 35) destaca que:

[...] todo saber, mesmo o “novo”, insere-se numa duração temporal que remete à história de sua formação e de sua aquisição. O saber docente é um saber plural, diversificado, constituindo uma rede de saberes, mais ou menos coerentes, que foram adquiridos pela formação profissional.

Em conformidade com os escritos de Tardif, o pesquisador Gauthier (2013), em seu livro “Por uma teoria da pedagogia”, defende a ótica de que há a necessidade de unir a pesquisa à prática, isto é, o saber se constrói a partir do saber privado (saber experiencial) ligado e antenado com o saber da ação pedagógica. Ambos devem dialogar entre si, objetivando uma profissionalização da pedagogia. Sua pesquisa revelou a necessidade de recorrer ao campo da sala de aula para validar as representações da profissão.

Em articulação teórica com as escritas acima, Ramalho, Nunes e Gauthier (2004), revela a existência de um modelo formativo identificado como “Modelo Hegemônico da Formação – MHF”, no qual se mistura tendências próprias do racionalismo técnico e da formação academicista e tradicional. Ela coloca que neste modelo o/a professor/a é reconhecido/a como um executor/a e/ou reproduzidor/a e consumidor/a de saberes profissionais produzidos pelos/as especialistas das áreas científicas, sendo, portanto, o

seu papel no processo de construção da profissão minimizado, uma vez que ele/a ocupa um nível inferior na hierarquia que estratifica a profissão docente.

Para ela, este modelo formativo deve estar pautado em três condições básicas da atitude profissional: a reflexão, a pesquisa e a crítica, que articuladas como um sistema, contribuem para uma visão mais ampla da atividade profissional do/a professor/a. Ela defende a ideia do/a professor/a pesquisador/a numa concepção de que este participa na produção dos saberes com métodos e estratégias sistematizadas, utilizando a pesquisa como mecanismo de aprendizagem.

Em relação a Imbernón (2011), destacamos que a reflexão deve ser um processo que contribua para o desenvolvimento profissional, de maneira que haja uma maior capacidade de decisão e interpretação. A sua prática deve estar inserida nas relações institucionais e sociais, nas quais encontramos interesses e contradições diversificadas. A formação deve estender-se ao *lócus* das capacidades, habilidades e atitudes, questionando constantemente suas práticas, valores e concepções pedagógicas e que possa produzir profissionais reflexivos/as ou investigadores/as. A seguir conceituamos as categorias relacionadas aos gêneros e às sexualidades, bem como as possíveis relações entre saberes, formação docente, gêneros e sexualidades no contexto educacional.

GÊNEROS E SEXUALIDADES-

O conceito de gênero tem uma história relativamente recente. Segundo Silva (2017, p. 91), “aparentemente, a palavra ‘gênero’ foi utilizada pela primeira vez num sentido próximo do atual pelo biólogo estadunidense John Money, em 1955, precisamente para dar conta dos aspectos sociais do sexo. [...]”. O conceito de gênero nasce nos anos 1960, a partir de estudos e debates entre feministas e pesquisadoras das universidades e tem sua primeira caracterização como construção social no que se relaciona ao sexo. Sua definição tornou-se mais sofisticada. “Sexo fica reservado aos aspectos estritamente biológicos da identidade sexual, o termo ‘gênero’ refere-se aos aspectos socialmente construídos do processo de identificação sexual”. As críticas assentam esta significação como incompleta, pois naturaliza o sexo e expõe o gênero como seu equivalente cultural.

Na década de 1970, no Brasil, os estudos sobre a mulher tentam preencher algumas lacunas do conhecimento sobre a diversidade das condições vivenciadas por estas, seja na esfera social, econômica e política, ressaltando, assim, a posição de exploração, opressão, discriminação e subordinação a que estavam sendo submetidas. Mas, somente na década de 1980, o conceito de gênero se fortalece ao enfatizar as relações culturais e sociais que influenciam de forma contundente o ser feminino e o ser masculino.

Nos anos 1990, os estudos e intervenções são intensificados nas organizações não governamentais, nos espaços acadêmicos e setores do governo na formulação de

políticas públicas. Joan Scott (1995), rejeita o determinismo biológico implícito no uso dos termos como sexo e diferença sexual e caracteriza o gênero como categoria histórica de análise nas relações de poder. No século XX, a luta feminista sofre influência dos movimentos negros, que defendem a bandeira de que negros/as que devem falar sobre si, o que, atualmente, denominamos lugar de fala³. A partir deste viés, mulheres falam, escrevem e lutam pelas mulheres. Focam, também, na interseccionalidade das categorias identitárias como raça, orientação sexual e classe (onde o gênero se cruza com outros tipos de desigualdades). Não existe apenas uma única mulher, existem mulheres, numa diversidade que norteia lutas, reivindicações e políticas públicas diferenciadas.

No contexto de reordenamento da teoria do gênero, surge a Teoria *Queer*, corrente de pensamento e militância que vem incendiar o debate. Tem como expoente a filósofa Judith Butler (2003), que aponta processos construídos na sociedade que criam situações de vulnerabilidade para todos/as que não se enquadram nas expectativas criadas socialmente para o feminino e o masculino. *Queer* não é uma identidade, mas sim intenciona à pluralidade, ao respeito e aos direitos, principalmente em relação ao movimento pelos direitos das mulheres e o movimento LGBT.

O termo em inglês *queer* significa o que é estranho, o diferente, a oposição ao “normal” ou à normalização. A teoria engloba relações entre sexo, gênero e desejo sexual. Entrelaça estas categorias de forma não normativa, não encaixada, como a sociedade quer predeterminar. A Teoria *Queer* está em desacordo com o que está imposto como o normal, o correto. Ela é categoricamente excêntrica, anormal e diferenciada. Deriva de um entendimento diferente do que é identidade e poder e que coloca em dúvida as pressuposições sobre o ser e o agir da sexualidade.

Assim, considerado como provisório e circunstancial, o sujeito no pós-estruturalismo, especificamente na Teoria *Queer*, desenvolve-se num reordenamento em que as identidades podem ser múltiplas e instáveis, fortalecendo desta forma as identidades de gênero que ainda estão atreladas ao binarismo homem/mulher, pênis/vagina, que enquadram os sujeitos e seus corpos, moldando-os e subjugando-os, conforme discursos e relações de poder de diferentes momentos sócio históricos. Refere-se a qual gênero (masculino ou feminino) a pessoa se identifica para si e para o mundo, podendo ser **cisgênero**, quando a pessoa possui a identidade de gênero consoante a genitália ou **transgênero**, quando a pessoa não possui a identidade de gênero consoante a genitália. (HEILBORN, 2010).

Ao falar sobre sexualidade, debatemos sobre nossa história, nossas emoções, nossas relações com as outras pessoas, nossos costumes e nossos desejos. Tais relações se constroem a partir do nascimento sendo, portanto, uma construção sociocultural que sofre influências dos valores e das regras de uma determinada cultura, do tempo e do

3 Segundo Ribeiro (2017), lugar de fala é o lugar de pertença, em um diálogo, na qual a escuta se torna crucial para o entendimento e respeito entre as partes.

espaço em que vivemos e marcada pelas relações sociais. Assim, para a compreensão da atividade sexual humana, devemos inseri-la em seu contexto, histórico e cultural (BRASIL, 2011).

Foucault (2015), em seu livro *História da Sexualidade 1: a vontade de saber*, a sexualidade não é algo simplesmente biológico ou fato inato da natureza humana, mas, uma categoria de experiência construída, originadas de contextos sociais, históricos e culturais. Nossas sexualidades são constructos de momentos sócios históricos e culturais. Outro ponto importante na teoria Foucaultiana para os estudos sobre gênero e sexualidade é a relação entre saber, poder e sexualidade (coloquemos também aqui o gênero, mesmo que Foucault não aborde esta categoria). Segundo ele, os discursos que permeiam nossas vidas são carregados de saber e poder sobre às pessoas e policiam, vigiam, controlam tanto a sexualidade quanto o gênero.

Nesta categoria, podemos conceituar **identidade sexual ou orientação sexual**, que se refere ao sexo/gênero que constitui o objeto de desejo afetivo ou sexual de uma pessoa, podendo ser: **heterossexual** (desejo afetivo/sexual pelo sexo/gênero oposto), **homossexual** - gays e lésbicas (desejo afetivo/sexual pelo mesmo sexo/gênero), **bissexual** (desejo afetivo/sexual por ambos sexos/gêneros) ou **assexual** que (não sente desejo afetivo/sexual por nenhum dos sexos/gênero). (HEILBORN, 2010). Vamos saber a seguir, o que pensam e dizem os/as colaboradores/as da pesquisa em questão, sobre seus saberes e sua formação docente em gêneros e sexualidades. Logo, a construção dos saberes e a formação docente devem influenciar, direta ou indiretamente, no que diz respeito ao sistema educacional, bem como na incorporação da igualdade de gênero e o respeito à diversidade sexual, além de tentar entender o porquê da exclusão de alunas/os, resultante de uma escola com processos classificatórios e discriminatórios.

O que pensam e dizem as/os discentes colaboradoras/Es

A formação profissional para a Educação Básica e para o Ensino Superior é um dispositivo legal, tanto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN nº 9.394/96, quanto na Constituição Federal de 1988. Assim como também, tanto a formação inicial como a continuada devem ser prioridade pública (LDBEN, Título VI, art.67, inciso II). No entanto, considerando as inúmeras transformações no contexto social, político e cultural, a formação profissional docente exige mudanças que venham a responder às demandas, especificamente, neste caso, em gêneros e sexualidades.

Segundo Lins, Machado e Escoura (2016), as/os educadoras/es estão em constante formação, em reflexão contínua, complexando e transformando seus saberes e práticas pedagógicas. Constroem assim, mecanismos que promovam e efetivem práticas pedagógicas voltadas para a superação das desigualdades de gênero e sexualidade, objetivo do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Sexualidade nas Práticas Educativas (GESEPE), vinculado à linha de pesquisa Gênero e Sexualidade na Educação

do Mestrado Profissional em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB/UFMA).

Diante disso, por meio de questionário com perguntas fechadas e abertas, aplicados a discentes da terceira turma, objetivando reconhecer aspectos relacionados aos saberes e formação docente voltados aos gêneros e sexualidades, bem como sobre como tais questões se davam no processo de aquisição de informações, construção de conhecimentos e formação nestas temáticas em suas trajetórias educacionais. Para obtermos dados para a pesquisa realizamos os seguintes questionamentos: na escola, houve momentos/aulas em que se tratou sobre gênero e sexualidade? Na sua formação superior, você participou de alguma formação, aula, evento ou atividade relacionadas às questões de gênero e sexualidade? Quais? Em sua opinião, é importante que o ensino superior inclua em seus currículos questões que abordem gênero e sexualidade? Por quê?; Como você avalia sua formação atual como professor/a, nas temáticas de gêneros e sexualidades? Vejamos agora o que pensam e o que disseram os/as nossos/as colaboradores/as.

Quando questionados/as sobre a época que estudavam na educação básica, se houve momentos/aulas em que se tratou sobre gêneros e sexualidades, obtivemos as seguintes respostas: as discentes **A**, **B** e **C** responderam que não, e a primeira ainda complementou que “Não! **Ninguém podia falar** sobre essas coisas. Isso era coisa de gente grande”(grifos nossos). Diante dessa resposta, reforçamos que às nossas práticas são permeadas, segundo Foucault (2009), pelo discurso que determinam relações de saber/poder, que policiam, vigiam e controlam vidas. A partir desse entendimento, Louro (1997) ressalta a importância de se atentar para o que é dito e o não-dito, pois o que é silenciado adquire significado, que vem a suscitar além da voz dos sujeitos, o que é não falado. Como exemplifica o livro de conteúdo voltado à formação de professores/as do Curso de Gênero e Diversidade na Escola (GDE) (BRASIL, 2009, p. 115):

No cotidiano escolar, a sexualidade está presente das mais variadas formas: nos pressupostos acerca da conformação das famílias, dos papéis e do comportamento de homens e mulheres; nos textos dos manuais e nas práticas pedagógicas; em inscrições e pichações nos banheiros e nas carteiras.

Estão também nas supostas brincadeiras, piadas e apelidos que acabam por estigmatizar os rapazes mais “delicados” e as garotas mais “atiradas” e assim por diante. Segundo Foucault (2014), o sistema educacional é uma das instituições que pré-determina o que deve ser dito ou não, permeado pela construção sócio histórica, cultural, política e religiosa do momento, pois ela vigia e controla, numa intrínseca relação entre saber e poder. A escola estabelece lugares para cada um/uma, determina comportamentos e atitudes. E sabemos que gêneros e sexualidades são fortes marcadores de lugares, de identidades e de diferenças entre às pessoas. No entanto, 6 (seis) discente responderam que sim, acrescentando comentários, no entanto, todos marcados pelo viés biológico, como podemos observar em suas respostas:

Discente D: “Me recordo de ouvir algo sobre na aula de ciências no ensino fundamental,

bem superficialmente. No ensino médio em biologia, mas nada aprofundado também.”

Discente E: “No período de escola não se tratava de gênero, apenas sobre sexualidade com conteúdo de saúde do corpo, reprodução humana, doenças sexualmente transmissíveis.”

Discente G: “Não exatamente. Era falado apenas dos órgãos reprodutores e nada mais.”

Discente H: “Poucas vezes, nas aulas de ciências e biologia e sobre palestras de prevenção.”

Discente I: “Poucas vezes. Me lembro de um seminário na escola durante a 8ª série do Ensino Fundamental sobre DST’s.”

Como observamos nas escritas acima, a escola dos/as nossos/as colaboradores/as está associada à abordagem da educação sexual biológico-higienista, que segundo Furlani (2016) evidencia a biologia essencialista e se estrutura no determinismo biológico, com conteúdo voltado à saúde do corpo, reprodução humana, órgãos reprodutores e sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST’S)⁴, nas aulas de ciências e biologia. E segundo Silva (2011, p, 168) “a sexualidade estaria dissociada das outras dimensões humanas e sua composição e seu objetivo estariam reduzidos à dimensão biológica e do instinto”.

Teria como somente o objetivo de “conhecer a anatomia e fisiologia dos órgãos reprodutores e a resposta sexual. O foco principal seria o da informação, a partir dos pressupostos biológicos”. Assim, as questões sociais, culturais e históricas das pessoas não eram vinculadas aos gêneros ou às sexualidades, se fundamentando numa perspectiva reducionista, formal, curricular e reducionista baseadas em noções higiênicas e médicas. Para esta autora, se faz necessário ter conhecimento de que “a sexualidade humana é resultante tanto dos aspectos biológicos, quanto do meio em que vivemos, ou seja: da cultura, que influencia e seleciona o comportamento sexual de cada indivíduo” (SILVA, 2011, p,169).

Ao serem questionados se na formação superior, eles/as participaram de alguma formação, aula, evento ou atividade relacionadas aos gêneros e sexualidades e quais foram, obtivemos, em sua maioria (num total de 7 pessoas), a negativa como resposta. Como a discente **A** que nos relatou “*Não. A época era ainda de muitos tabus. Começavam manifestações muito sutis acerca da temática*”. Já a **Discente I** nos disse: “*Não. Durante algumas disciplinas foram ministrados conteúdos que perpassam pela temática da sexualidade, mas nunca foi abordado a partir do contexto histórico-social, ficando restrito apenas às questões mais biológicas.*”

Martins (2017) expõe que as temáticas de gênero e sexualidade são silenciadas,

4 A terminologia Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) passou a ser adotada em substituição à expressão Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), porque destaca a possibilidade de uma pessoa ter e transmitir uma infecção, mesmo sem sinais e sintomas, pelo Decreto nº 8.901/2016 publicada no Diário Oficial da União em 11.11.2016, Seção I, páginas 03 a 17.

suscitando a necessidade de enveredarmos no desvelar do processo de formação nestas áreas de conhecimento. A autora em sua pesquisa, percebe que a estrutura pedagógica, fragmentada em disciplinas, pouco contribui na conquista dos saberes, pois a dicotomia teoria-prática fazia-se presente, tal qual a educação básica.

Somente a Discente **F** afirmou ter participado de eventos e atividades de formação nas referidas temáticas: “*Sim. Formações e eventos acadêmicos voltados para o debate da diversidade na escola*”. Mas, no olhar de Silva (2015), os cursos de formação de profissionais de educação, que deveriam ser um lugar de construção do saber, produzem muitas vezes, o seu ocultamento, evidenciando também negligência em relação ao tema da diversidade de gênero e sexual, que comparecem, então apoiados em mitos baseados na cisheteronormatividade⁵. Isso quando não discutem o assunto e não desenvolvem de forma alguma, atividades sobre tais temáticas. A autora percebe que há carência da discussão acerca do gênero, da sexualidade e mais especificamente da diversidade sexual na universidade, portanto, faz-se necessário refletir sobre o seu papel na formação docente e sobre sua contribuição na difusão dos saberes. E acrescenta:

Sem esta formação específica, a/o docente arrisca-se a cair no senso comum e relativizar aspectos referentes ao gênero e à sexualidade, os quais deveriam ser tratados como aparatos teóricos e metodológicos próprios[...]no entanto, é preciso compreender que grande parte dos/as professores/as ainda guarda consigo repressões em torno da sexualidade, fazendo com que cheguem ao ambiente escolar carregados de preconceitos, ansiedade e insegurança, consequências de uma educação repressora, em uma sociedade repressora. (SILVA, 2015, p. 168)

Em seguida, perguntamos suas opiniões em relação ao ensino superior e se estes deveriam incluir em seus currículos questões que abordem gêneros e sexualidades e o porquê. Todos/as responderam afirmativamente sobre a relevância dessa inserção, destacando a necessidade do/a profissional de educação ter que lidar com a diversidade de pessoas num mundo desigual. Vejamos algumas respostas:

Discente B “Penso que sim. Para que haja maior conscientização do gênero que a pessoa se identifica assim como sua orientação sexual, pois possivelmente possa haver maior respeito pela pessoa, independentemente de como ela se posiciona na vida.”

Discente D “Sim, em todos os cursos, mas principalmente nas licenciaturas. Há um déficit de profissionais preparados para abordar tal assunto nas escolas, assim como nos mais variados espaços.”

Discente F “Sim. É um debate intrínseco à formação humana, com muitos equívocos e que contribuiria sobremaneira na formação individual e coletiva na escola e na sociedade.”

Discente I “Eu acredito que seja vital para o desenvolvimento social. Ainda mais quando se fala sobre a formação de professores. Não é possível, seja em qualquer área, continuar a formar indivíduos que não contemplem a educação como um espaço de constituição histórica, social, política, cultural... por onde perpassam essas questões.”

5 Sociedade que normatiza e privilegia as pessoas cis (gênero conforme genitália biológica) e heterossexual (desejo afetivo/sexual pelo sexo/gênero oposto).

Torna-se indispensável para os/as discentes a abordagem sobre os gêneros e às sexualidades para sua desconstrução como um tabu, devendo ser percebido como algo natural e assim serem inseridas nos currículos, principalmente nas licenciaturas, visando mais respeito pelas diferenças entre as pessoas, haja vista haver um déficit de profissionais que estejam preparados/as para lidar com tais assuntos. Sendo uma discussão intrínseca ao ser humano, que se bem conhecida, contribuiria na formação individual e coletiva tanto na escola como na sociedade, havendo a necessidade de uma educação como um espaço de constituição histórica, social, política e cultural.

Martins (2017) propõe que a inserção, no currículo, das questões de gênero e sexualidade se configura como um importante elemento, à formação docente para nos aproximarmos, efetivamente, de uma educação sexual emancipatória. Assim, os/as docentes deverão ser instigados a repensar as consequências da não abordagem sobre gêneros e sexualidades, no processo de (re) construção de vida do ser humano, mediando “os processos constitutivos da cidadania democrática a partir do reconhecimento da diversidade e do pluralismo nos modos de ser das mulheres e dos homens” (MARTINS, 2017, p.30).

Segundo o Livro de Conteúdo do Curso GDE (BRASIL, 2009), o currículo no sistema educacional produz resultados que não condizem com uma prática pedagógica voltada para uma perspectiva inclusiva, já que este participa diretamente da construção dos corpos e identidades dos sujeitos da educação, principalmente de suas/seus alunas/os. Isto se observa nas pesquisas realizadas que evidenciam currículos e práticas pedagógicas e de gestão marcadas pelo sexismo, pela misoginia e pela discriminação contra os sujeitos não-heterossexuais ou que descumprem expectativas hegemônicas de gênero. Neste sentido, Louro (1997, p. 64) ressalta que:

[...] currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação são seguramente, loci das diferenças de gênero, sexualidade, etnia, classe – são constituídos por essas distinções e, ao mesmo tempo, seus produtores.

Existe a necessidade de entender que no currículo existem conexões intrínsecas entre saber, identidade e poder. Um currículo agregador, democrático e igualitário tem em seu bojo conceitos e práticas pedagógicas estruturadas na diversidade, na diferença, na subjetividade, representatividade, cultura e especificidades individuais como gênero, raça, etnia e sexualidade. Ao analisarmos as respostas dos/as discentes sobre como avaliavam sua formação atual, como professor/a, ou profissional de educação, nas temáticas de gêneros e sexualidades, observamos a unanimidade em assegurar a carência e insipiência em suas formações continuadas pertinentes às temáticas, apesar de fazerem algumas abordagens nas disciplinas que ministram, numa perspectiva de maior proximidade com tais questões, num esforço individual de “*enxergar as temáticas e de alguma forma contribuir com meus alunos, nem que fosse na forma de tratá-los.*” (Discente **D**) e como pontua a discente **E**: “*Avalio como sendo necessário o conhecimento aprofundado sobre*

a temática para que possa se desenvolver o diálogo, a leitura e argumentação sobre o direito e respeito de todos entre si.”

Além disso, notamos nas escritas que, o auto estudo foi uma das estratégias para obter mais conhecimento nas áreas, numa realidade vivenciada por muitos profissionais que se veem diante de algumas situações em sala de aula, em que percebem a necessidade de ter uma resposta adequada para dar aos/as alunos/as. A discente/professora I esclarece:

Eu acredito que minha formação acadêmica foi insipiente quanto a essas temáticas. Se hoje tenho uma visão mais ampla e aberta acerca dos temas é porque tenho me permitido aprender com as trocas do cotidiano, com as leituras, com os ambientes, nas conversas com pessoas instruídas a esse respeito. Compreendo também que estou em um processo e que ainda pouco sei sobre as temáticas, mas estar disposta a aprender já é um bom começo, não?!

Na prática, todas as construções dos saberes sobre gêneros e sexualidades em nossa sociedade exercem uma força sobre nosso cotidiano, estabelece regras, posturas, ações, pensamentos e gostos nas nossas vidas. Assim, são criadas expectativas fechadas e limitadas do que se esperar de um ser humano com genitália de fêmea e o outro com a genitália de macho. Os saberes construídos no cotidiano, ou aqueles na vida profissional nos indicam propostas pedagógicas que venham contribuir na formação docente efetivando uma educação inclusiva e não sexista, não machista, não racista e não lesbohomotransfóbica.

Concordamos com o que disse o Livro de Conteúdo do Curso GDE (BRASIL, 2009), curso destinado à formação continuada de profissionais da educação nas temáticas de gênero, relações étnico-raciais, sexualidade e orientação sexual e realizado em todas as regiões do país, cujo objetivo foi de contribuir para que a formação continuada de profissionais de educação da rede pública de ensino, fortalecendo o papel que exercem como promotores da cultura de respeito a garantia de direitos humanos, da equidade étnico-racial, de gênero e da valorização da diversidade, na certeza que ao incorporar tais discussões no ambiente escolar, o caminho se torna mais consistente e promissor para um mundo sem intolerância, mais plural e democrático.

ALGUMAS (IN) CONCLUSÕES

A realização deste estudo trouxe-nos a percepção da importância da construção dos saberes e da formação docente, mesmo que estes não estejam conforme o que indica as pesquisas para o trato das temáticas de gêneros e sexualidades no ambiente escolar, já que estas se constroem e reconstroem constantemente. As leituras realizadas nos possibilitaram uma visão mais ampla sobre os conceitos de saberes e formação docente e podemos concluir que no campo de estudos sobre às temáticas voltadas aos gêneros e sexualidades, além de ser inovador e questionador, também é permeado de contradições, de desconstruções e de inúmeras dúvidas, envoltas em clima de curiosidade, preconceitos

e discriminações.

Essa investigação nos mostrou com os estudos aqui realizados, da inadequada, incipiente e carente formação inicial e continuada dos/as discentes da terceira turma do Mestrado Profissional em Gestão e Ensino da Educação Básica, sobre gêneros e sexualidades, assim como eles/as afirmam também, da importância de inclusão de tais temas, nos currículos dos cursos superiores, já que os mesmos não tiveram oportunidades de participar de atividades, eventos ou aulas sobre às referidas temáticas.

Salientamos ainda que a relevância dos saberes construídos na percepção de qualquer ser humano e o quanto que esta construção é permeada pelo momento social, histórico, político vigente pode determinar valores, sentimentos e posturas influenciando a vida de uma pessoa. No que diz respeito às formações docentes, compreendemos o quanto estas são de vital importância para evidenciar o reconhecimento das diferenças e trabalhá-las combatendo as desigualdades na perspectiva de formar cidadãos ou cidadãs críticas/os, pró-ativas/os, responsáveis pelo bem-estar coletivo nas comunidades escolares. A nossa perspectiva é que as atitudes e práticas pedagógicas dos profissionais de educação objetivem um mundo mais igualitário, justo e plural. Que o respeito seja a base da convivência humana, que a alteridade e a empatia nos conduzam para uma humanidade voltada para o bem comum. Portanto, aqui se configuram apenas (in) conclusões preliminares.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Gênero e Diversidade na Escola**: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Adolescentes e jovens para a educação entre pares sexualidades e saúde reprodutiva**. Brasília –DF, 2011 Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002217/221728por.pdf>. Acesso: 17. mar.2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero, Feminismo e subversão da identidade**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Taquel Ramalhe. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 3 ed. Tradução Laura F. A. Sampaio. 24 ed - São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1**: a vontade de saber. 2ª ed. São Paulo; Paz e Terra. 2015.

FURLANI, Jimena. **Educação sexual na sala de aula**: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. 1. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

GAUTHIER, Clermont. MARTINEAU, Stéphane, et al. **Por uma Teoria da Pedagogia**: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. 3 ed. Editora UNIJUI, Ijuí, 2013.

GRESSLER, Lori Alice. **Introdução à pesquisa**: projetos e relatórios. São Paulo: Loyola, 2003.

HEILBORN, Maria Luiza; ARAÚO, Leila; BARRETO, Andreia. (orgs.). **Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça** / GPP-GeR. Módulo 2. Políticas Públicas de Gênero. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010.

IMBERNÒN, Francisco. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. TRADUÇÃO Silvana Cobucci leite. 9. Ed. Vol.14. – São Paulo: Cortez, 2011.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO Bernardo Fonseca; ESCOURA Michele. **Diferentes, não desiguais**: a questão de gênero na escola. São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 10. Ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 1997.

MARTINS, Walkíria. **Gênero e Sexualidade na formação Docente**: um estudo a partir do currículo. São Luís: EDUFMA, 2017.

RAMALHO, Betânia Leite; NUNEZ, Isauro Beltrán; GAUTHIER, Clermont. **Formar o professor, profissionalizar o ensino** – perspectivas e desafios. Porto Alegre: 2ª ed. Sulina, 2004.

RIBEIRO, Djamila. **O que é Lugar de Fala?** Coleção Feminismos Plurais. Belo Horizonte. Letramento: Justificando, 2017.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, n.2. p.71-100, jul./dez.1995.

SILVA, Sirlene Mota Pinheiro da. **A mulher professora e a sexualidade no espaço escolar**. São Luís, EDUFMA, 2011.





SILVA, Sirlene Mota Pinheiro da. **Decifra-me! Não me devore!** gênero e sexualidade nas tramas das lembranças e nas práticas escolares. Tese. (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3.ed; 10. reimp – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 16 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

AS FACES DA EDUCAÇÃO: DIÁLOGOS NA DIVERSIDADE ESCOLAR



-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br



AS FACES DA EDUCAÇÃO: DIÁLOGOS NA DIVERSIDADE ESCOLAR



🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

